

## Objetos da modernidade: a Escola Caetano de Campos e seu jardim de infância – São Paulo (1890-1920)

### Resumo

A Escola Caetano de Campos assumiu preponderante papel na renovação do ensino pré-escolar e primário paulistano nos anos iniciais da República. Tendo em vista os objetos pedagógicos introduzidos como fundamentais para a modernidade da época, o objetivo deste artigo é compreender as inovações na organização e composição da cultura material escolar que caracterizou essa instituição. Busca-se refletir sobre as finalidades e sentidos que a provisão material adquiriu na organização desse estabelecimento percebendo o modo como os objetos deram materialidade aos projetos de renovação educacional no Estado de São Paulo. Privilegia-se como procedimentos, além de revisão bibliográfica, a análise de impressos pedagógicos destinados ao professorado paulista, como as revistas “Jardim de Infância” (1896-1897), “Ensino” (1912) e “Escola Pública” (1893) e os documentos oficiais da Escola Caetano de Campos encontrados no acervo do APESP – (Arquivo Público do Estado de São Paulo) e no CRE – (Centro de Referência em Educação Mário Covas), em especial, o Catálogo de Instrumentos para Ciências Naturais da Maison Emile Deyrolle (1931). Em termos teóricos, utiliza-se como aporte para o exercício analítico dessas fontes, as referências de Agustín Escolano Benito (2010, 2017), Dominique Julia (2001) e da historiografia brasileira especializada no tema da cultura material escolar, Castro (2013); Panizzolo (2011, 2013); Petry (2013) e Souza (2007, 2021). Conclui-se que os artefatos presentes nessa instituição tiveram por objetivo prover, além de modos de produção da vida material escolar, a produção/reprodução de valores para se atingir ideais de modernidade e cientificidade contribuindo para disseminar uma determinada concepção de ensino.

### Eduardo de Souza

Universidade Federal de São Paulo –  
UNIFESP – São Paulo/SP – Brasil  
edu10pontos@gmail.com

**Palavras-chave:** cultura material escolar; Escola Caetano de Campos; modernidade; São Paulo; república.

### Para citar este artigo:

SOUZA, Eduardo de. Objetos da modernidade: a Escola Caetano de Campos e seu jardim de infância - São Paulo (1890-1920). *Revista Linhas*, Florianópolis, v. 24, n. 54, p. 431-462, jan./abr. 2023.

**DOI:** 10.5965/1984723824542023431

<http://dx.doi.org/10.5965/1984723824542023431>



## Objects of modernity: the Caetano de Campos e school its kindergarten – São Paulo (1890-1920)

### Abstract

The Caetano de Campos School assumed a preponderant role in the renewal of pre-school education and primary school in São Paulo in the early years of the Republic. In view of the pedagogical objects introduced as fundamental to the modernity of the time, the purpose of this article is to understand the innovations in organization and composition of the school material culture that characterized this institution. We seek to reflect on the purposes and meanings that the material provision acquired in the organization of this establishment, realizing how the objects gave materiality to educational renovation projects in the State of São Paulo. Is privileged as procedures in addition to the bibliographic review, the analysis of pedagogical forms intended for the São Paulo professorship as the magazines “Jardim de Infância” (1896-1897), “Ensino” (1912) and “Escola Public” (1893), and the official documents of the Caetano de Campos School, found in the collection of APESP – (Public Archive of the State of São Paulo) and at CRE – (Reference Center for Education Mário Covas), in particular, the Catalog of Instruments for Natural Sciences at Maison Emile Deyrolle (1931). In theoretical terms, it's used as a contribution to the analytical exercise of these sources, the references of Agustín Escolano Benito (2010, 2017), Dominique Julia (2001) and Brazilian historiography specializing in the theme of school material culture, Castro (2013); Panizzolo (2011, 2013); Petry (2013) e Souza (2007, 2021). Concludes that the artifacts present in this institution were intended to provide, in addition to modes of production of the school material life, the production/reproduction of values to achieve ideals of modernity and scientificity contributing to the dissemination of a given concept of teaching.

**Keywords:** school material culture; Caetano de Campos School; modernity; São Paulo; republic.

## Objetos de la modernidad: la Escuela Caetano de Campos y su jardín de infancia – São Paulo (1890-1920)

### Resumen

La Escola Caetano de Campos asumió un papel preponderante en la renovación de la educación preescolar y primaria en São Paulo en los primeros años de la República. Teniendo en cuenta los objetos pedagógicos introducidos como fundamentales para la modernidad de la época, el objetivo de este artículo es comprender las innovaciones en la organización y composición de la cultura material escolar que caracterizó a esta institución. Se busca reflexionar sobre los propósitos y significados que la provisión material adquirió en la organización de este establecimiento, percibiendo la forma en que los objetos dieron materialidad a los proyectos de renovación educativa en el Estado de São Paulo. Como procedimientos, además de una revisión bibliográfica, se privilegia el análisis de publicaciones pedagógicas destinadas a los profesores de São Paulo, como las revistas “Jardim de Infância” (1896-1897), “Ensino” (1912) y “Escola Pública” (1893) y los documentos oficiales de la Escola Caetano de Campos encontrados en el acervo de APESP – (Archivo Público del Estado de São Paulo) y CRE – (Centro de Referencia en Educación Mário Covas), en particular, el Catálogo de Instrumentos para Ciencias Naturales de Maison Emile Deyrolle (1931). En términos teóricos, se utiliza como contribución al ejercicio analítico de estas fuentes los referentes de Agustín Escolano Benito (2010, 2017), Dominique Julia (2001) y la historiografía brasileña especializada en el tema de la cultura material escolar, Castro (2013); Panizzolo (2011, 2013); Petry (2013) y Souza (2007, 2021). Se concluye que los artefactos presentes en esta institución pretendieron proporcionar, además de modos de producción de la vida material escolar, la producción/reproducción de valores para alcanzar ideales de modernidad y científicidad, contribuyendo a difundir una cierta concepción de la enseñanza.

**Palabras clave:** cultura material escolar; Escuela Caetano de Campos; modernidad; São Paulo; república.

## Introdução

No bojo das transformações políticas, sociais e culturais do final do século XIX e anos iniciais do século XX, a Escola Caetano de Campos<sup>1</sup>, implantada em 1846 no estado de São Paulo, foi considerada um marco importante na instituição de projetos de escolarização da infância, assumindo preponderante papel na formação de professores e na renovação do ensino pré-escolar e primário paulistano. Ainda que não se possa supor as práticas dos objetos, a presença deles na condução do ensino representou símbolos de inovações didático-pedagógicas e auxiliou em uma missão: formar o cidadão republicano.

Manuais pedagógicos, livros para leitura, quadros de história, sólidos geométricos, gabinetes e museus, entre outros artefatos, constituíram a materialidade escolar desse estabelecimento e funcionaram como dispositivos de controle, disciplinarização e disseminação de um ideal de modernidade. Tendo em vista os materiais introduzidos como fundamentais para o progresso da época, o objetivo deste trabalho é descrever as inovações na composição da cultura material escolar que caracterizou a Escola Caetano de Campos e refletir sobre as finalidades e sentidos que esses objetos adquiriram na condução do ensino nessa instituição. Pretende-se, ainda, discorrer sobre o modo como esses elementos deram materialidade aos projetos de renovação educacional e como a cultura material contribuiu para a emergência e valorização de uma modernidade de ensino construída nos anos iniciais da República no Estado de São Paulo a partir de 1890.

Neste estudo privilegiam-se como procedimentos de pesquisa, além de revisão bibliográfica a análise de impressos pedagógicos destinados ao professorado paulista, como as revistas “Jardim de Infância” (1896-1897), “Ensino” (1912) e “Eschola Pública” (1893) e os documentos da Escola Caetano de Campos encontrados no acervo do APESP – (Arquivo Público do Estado de São Paulo) e no CRE – (Centro de Referência em Educação Mário Covas), em especial, o Catálogo de Instrumentos para Ciências Naturais da Maison Emile Deyrolle (1931). Como aporte teórico utilizam-se as referências de Agustín Escolano Benito (2010, 2017), Dominique Julia (2001) e da historiografia brasileira especializada no tema da cultura material escolar, Castro (2013); Panizzolo (2011,

---

<sup>1</sup> Neste texto empregam-se diferentes termos para referir-se à Escola Caetano de Campos, pois na historiografia da Educação paulista a instituição recebeu diferentes denominações: Escola Normal, Escola Primária, Instituto Pedagógico, Instituto de Educação, Escola Caetano de Campos. MONARCHA, Carlos. *Escola Normal da praça: o lado noturno das luzes*. Campinas: UNICAMP, 1999.

2013); Petry (2013) e Souza (2007, 2021).

O artigo se inicia com a apresentação da Escola Caetano de Campos, descrevendo sua trajetória ao longo da história da educação. Em seguida, considerando os postulados da cultura material escolar, discute-se a aquisição dos objetos de utilidade prática para o ensino elementar que conformaram a organização e a rotina pedagógica desse estabelecimento a partir de 1890. Considera-se para esta reflexão, a disseminação do método intuitivo na escola paulistana e seus desdobramentos a partir da aquisição de materiais pedagógicos como gabinetes, museus escolares, livros e cartilhas para o ensino da leitura. Por fim, analisa-se a contribuição da cultura material escolar na propagação do ideal e da concepção de modernidade pedagógica construída e disseminada nas primeiras décadas da República no Estado de São Paulo.

### A Escola Caetano de Campos: símbolo da modernidade paulistana (1890-1920)

Entre inúmeras denominações, a Escola Caetano de Campos, “cuja origem e desenvolvimento vinculam-se à difusão dos ideais liberais de secularização e expansão do ensino primário” (TANURI, 1979, p. 41), sofreu várias transformações em sua trajetória. A historiografia educacional brasileira reúne diversos estudos sobre essa instituição: Tanuri (1979), Nagle (2001), Monarcha (1999), Saviani (2005), Souza (1998, 2009), Carvalho (2003) e sua história pode ser dividida em períodos que vão desde a sua fundação em 1846, pela Lei nº 34 de 16 de março (lei de instrução primária da Província de São Paulo) até sua transferência para prédio próprio na Praça da República em 1894, passando por uma tentativa de demolição em 1970 e seu desmembramento pela Resolução nº 12, de 30 de janeiro de 1978.

Atualmente, sede da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, o edifício, (Figura 1), com aspecto palaciano e monumental, inaugurado em 2 de agosto de 1894, representou no limiar das transformações políticas, sociais, econômicas e culturais de São Paulo, uma referência suprema de propagação do governo republicano.

Figura 1 – Escola Normal da Praça da República – 1908



Fonte: Álbum de Photographias da Escola Normal e Anexas de São Paulo 1908. Acervo da Escola Caetano de Campos, CRE Mario Covas/ CENP/SEE.

Com a Proclamação da República a partir da década de 1890, a instituição também referenciada como Escola Normal da Praça, ganhou um preponderante papel como “centro de difusão do progresso intelectual e multiplicador de conhecimento” (MONARCHA, 1999, p. 93). De acordo com Souza (1998, p. 55), a instituição “consagrou a organização da escola graduada e incorporou, efetivamente, muitas das inovações que passaram a vigorar nas escolas públicas primárias, especialmente nos grupos escolares”.

A implantação dessa escola esteve relacionada a um “amplo projeto civilizador” (SOUZA, 1998, p. 27), em que a educação popular foi ressaltada como uma necessidade política e social. A Escola Normal da Praça foi espaço da reforma da instrução pública, eleita como coração da cidade de São Paulo, foi “estrategicamente erigida como signo do progresso que a República instaurava: signo do moderno que funcionava como dispositivo de luta e de legitimação na consolidação da hegemonia desse Estado na

Federação” (CARVALHO, 2003, p. 353).

No contexto republicano, a instituição laica, gratuita, mediadora das aspirações, do otimismo e do entusiasmo pedagógico foi elevada a símbolo da modernidade pedagógica da época. Para Carvalho (2003), na concepção da República, era preciso implantar uma escola que consubstanciasse os ideais de progresso, civilidade e modernidade. Nesse aspecto, a Escola Modelo deveria se dar a ver; seu edifício majestoso, amplo e iluminado, contendo mobiliário de qualidade, material didático moderno e corpo docente qualificado evidenciava os preceitos da pedagogia moderna e concretizava o primado da visibilidade e do progresso.

Por volta de 1890, com a nomeação do Dr. Caetano de Campos<sup>2</sup> para a sua direção, a Escola, entrou em um período fértil de organização tendo o seu ensino primário (re)inventado. Em 3 de março de 1896, anexo à sua estrutura, foi criado o primeiro jardim de infância público em São Paulo (Figura 2). O projeto idealizado por Rangel Pestana e executado por Caetano de Campos, durante a administração do presidente Prudente de Moraes, (cujo mandato se deu de 15 de novembro de 1894 a 15 de novembro de 1898), fazia parte da proposta do Partido Republicano Paulista. Gabriel Prestes, que dirigiu a instituição de 1893 a 1898, aprovava pelo Decreto de nº. 397, de 9 de outubro de 1896, o regulamento da Escola Normal da capital e das Escolas Modelo anexas, assinado pelo então Presidente Campos Salles.

De acordo com o referido decreto, o Art. 181 estabelecia que “o Jardim da infância, anexo à Escola Normal da Capital, é destinado a preparar, pela educação dos sentidos, segundo os processos de Foxbel, os alumnos de ambos os sexos que se destanarem à escola modelo preliminar”.

---

<sup>2</sup> Embora se atribua a Caetano de Campos a execução do projeto da Escola Normal, é pertinente destacar seu falecimento em 12 de setembro de 1891, data anterior à finalização das obras da instituição.

Figura 2 – Prédio do Jardim de Infância anexo à Escola Normal



Fonte: Álbum de Photographias da Escola Normal e Anexas de São Paulo 1908. Acervo da Escola Caetano de Campos, CRE Mario Covas/ CENP/SEE.

Conforme se apresenta (Figura 2), o Jardim de Infância construído poucos anos após a inauguração da Escola Normal, tinha seu prédio totalmente isolado e abrigava quatro salas de aula; formava um grande salão central em formato octogonal com cerca de 15 x 15 metros, coberto por uma cúpula metálica e uma galeria formada por colunas em ferro (KUHLMANN JÚNIOR , 1994, p. 63). O jardim era destinado ao atendimento de crianças de quatro a seis anos de idade e fora inspirado no modelo do Kindergarten, criado pelo educador alemão Friedrich W. A. Froebel (1782-1852).

Sob essa perspectiva, a Escola Caetano de Campos e seu jardim de infância foram cenários da realização de uma educação inovadora. Os republicanos paulistas intencionaram através da propagação da instrução pública e da inovação do ensino, absorver os elementos de modernização educacional em circulação em diversos países da Europa e dos Estados Unidos. Calcada nos pilares da formação de professores e na adoção

do método de ensino intuitivo, a Escola Normal instaurou uma série de práticas simbólicas que, “no universo escolar, tornaram-se uma expressão do imaginário sociopolítico da República” (SOUZA, 1998, p. 241). Além de ritos e rituais, conferências pedagógicas, ensino seriado, graduado, laico e intuitivo, a instituição equipou-se com um profuso material didático adequado às exigências da “moderna pedagogia” que se objetivava disseminar.

Do ponto de vista de Panizzolo (2013), os governantes paulistas investiram na organização de um sistema de ensino exemplar, de modo que além dos regulamentos definidores de uma política específica, buscaram consolidar um modelo escolar dotado de um conjunto de saberes e conhecimentos que foi materializado nas conferências, artigos e livros dirigidos aos professores. Assim, o estabelecimento de ensino configurou-se como um centro irradiador de novas ideias pedagógicas propagando métodos e práticas da organização escolar. Ainda para a autora, o modelo adotado na Escola Normal se constituiu de:

[...] classes homogêneas e agrupadas em um mesmo prédio, sob a mesma direção; ensino seriado; adoção dos processos de ensino intuitivo, bem como de um corpus de saberes e de instrumentos metodológicos aptos a implementar e viabilizar a escola para as massas, através do atendimento às classes numerosas, pelo ensino simultâneo. (PANIZZOLO, 2013, p. 4)

Entre as renovações educacionais, a escola implantou a substituição do método individual pelo ensino simultâneo consolidando o método intuitivo como uma das mais importantes inovações pedagógicas na segunda metade do século XIX e, além disso, sua organização unitária foi paulatinamente substituída por várias classes, cujos professores se tornaram profissionais da educação. À medida que servia de campo de experimentação, a Escola Normal da Capital consolidava-se como centro de irradiação da escola renovada. Tinha como função a criação de bons moldes de ensino. Nela, os futuros mestres podiam aprender a arte de ensinar vendo “como as crianças eram manejadas e instruídas” (CARVALHO, 2003, p. 125). Para delinear esse campo doutrinário da pedagogia que caracterizou as primeiras décadas da República em São Paulo foi necessário um amplo conjunto de ações, entre elas a implantação de prédios apropriados, a formação

dos professores e, especialmente, a provisão de recursos materiais importados.

A Reforma anunciada por Caetano de Campos em 27 de março de 1890 projetou a montagem do sistema público do ensino paulista no princípio da visibilidade, o que significou a construção de um espaço adequado para a prática docente. Para Caetano de Campos era imprescindível pensar grande e projetar aquele que seria o modelo exemplar de formação profissional. Era essencial reaver o espaço arquitetônico e planejar as bases para a prática pedagógica que se queria. Para isso, foi necessária a aquisição de um amplo material didático que concretizasse as ideias de uma educação experimental, moderna e científica, a Pedagogia da “Arte de Ensinar”.

Considerando o contexto histórico, político e social que consolidou a renovação educacional paulista, a aquisição e o manejo de um conjunto de utensílios materiais guiaram o fazer cotidiano da aprendizagem e do ensino, sedimentando naquela instituição uma linguagem própria da escola em São Paulo. Foi sob essa perspectiva, que a aquisição de um amplo repertório de objetos vistos como modernos para a época deflagrou a cultura material escolar da escola primária paulistana. Na concepção de Souza (2007), a cultura material escolar pode ser utilizada para designar:

O conjunto dos artefatos materiais necessários para o funcionamento das escolas envolvendo mobiliários e acessórios, infraestrutura do prédio escolar, equipamentos e utensílios destinados ao ensino das disciplinas como livros de leitura, cartilhas, mapas, globos, laboratórios de física e química e outros. (SOUZA, 2007, p. 169)

Para a autora, a materialidade escolar evidencia a busca pela racionalização do ensino, a legitimação da identidade escolar como uma organização própria com características que lhe são específicas. Nessa direção, a cultura material escolar é reveladora de múltiplos sentidos, pois remete à intrínseca relação que os objetos guardam com a produção de sentidos e com a problemática da produção e reprodução social. Em concordância com as proposições de Souza (2007), o pesquisador César Augusto Castro (2013) sinaliza que na história da educação a cultura material escolar é indissociável de uma cultura mais ampla que determina a configuração do espaço escolar. Portanto, referir-se ao conceito de cultura material escolar é, ao mesmo tempo, tratar dos múltiplos sentidos que os objetos desempenham no contexto da escola. Segundo o

autor:

É uma maneira de fazer a história minuciosamente, tentando compreender o funcionamento e a organização da escola por meio das tipologias e do uso de determinados artefatos que só ganham sentido se relacionados ao tempo, ao espaço e, em especial aos diferentes métodos de ensino e a natureza das disciplinas escolares. (CASTRO, 2013, p. 15)

A esse respeito, Agustín Escolano Benito (2010), no artigo intitulado “Patrimônio material da escola e história cultural”, nos traz a definição de cultura material escolar como o registro objetivo da cultura empírica das instituições educativas. A definição de cultura material escolar para esse pesquisador perpassa dois fatores fundamentais: o primeiro se constitui na investigação histórica das práticas culturais e o segundo atribui aos objetos valores empíricos. Nessa acepção, os objetos escolares, quando analisados sob uma ótica histórica, configuram elementos para o escrutínio de uma cultura escolar e são eles mesmos dispositivos visíveis da escola por meio dos quais uma coletividade é educada e instruída, pois, os objetos tecem “práticas empíricas nas quais se consubstancia um modo bem definido de educação, que se cristalizou, se decantou em experiência e se transmitiu, de forma relativamente estável, de geração em geração” (ESCOLANO BENITO, 2017, p. 22).

Tomando por empréstimo as palavras de Escolano Benito (2017), os objetos da escola Caetano de Campos tornam-se fontes para investigar os sentidos e as orientações pedagógicas subjacentes na cultura de que são portadores. Dessa maneira, se atribui um valor empírico aos objetos escolares que constituíram a materialidade dessa instituição e entende-se que esses materiais passaram a representar as marcas experienciais da educação ao longo dos anos iniciais da República no Estado de São Paulo.

Sendo assim, a aquisição, uso e desuso de determinados objetos escolares na Escola Caetano de Campos, favoreceram a disseminação de um processo de racionalização, a conformação de um projeto de escolarização da infância e revelou as concepções pedagógicas, saberes, práticas e dimensões que constituíram a cultura escolar daquele espaço. A circulação de determinados objetos escolares, tidos como indispensáveis para a concretização do ensino nesse estabelecimento, nos permite ensejar, conforme as proposições de Dominique Julia (2001), que as práticas escolares desenvolvidas nessa

instituição configuraram dispositivos responsáveis pela apropriação/inculcação de conhecimentos e os professores, dotados de instrumentos pedagógicos, ou seja, dos objetos materiais que constituíram a cultura material escolar naquele contexto, foram responsáveis pela transmissão de uma “cultura escolar”.

Por conseguinte, a ênfase dada à formação prática dos professores concebeu novos processos de ensino consubstanciados na adoção de modernos materiais pedagógicos e no método de ensino intuitivo transformando a Escola Normal da Praça em um “templo de civilização”(SOUZA, 1998), símbolo da modernidade pedagógica da época e lócus da Pedagogia da “Arte de ensinar”.

### O método de ensino intuitivo: ícone da escola moderna paulistana

A Pedagogia como “Arte de ensinar” ou pedagogia da prática, implantada no processo de instauração da República foi marcada pela visibilidade e pela imitação de modelos e sedimentou um conjunto de dispositivos pedagógicos que caracterizaram a organização da vida escolar da Escola Caetano de Campos. Entre esses dispositivos, o método de ensino intuitivo ou *leçons de choses* (lições de coisas), importado dos Estados Unidos, constituiu uma das mais importantes inovações pedagógicas da escola na segunda metade do século XIX, período de campanha universal em prol da difusão da escola primária, laica, gratuita e de ensino obrigatório.

O método intuitivo fundamentava-se na defesa da razão sensitiva propagada por “Rousseau, no desenvolvimento espontâneo da criança defendido por Pestalozzi e na valorização do equipamento lúdico para o desenvolvimento sensório-motor na primeira infância conforme preconizava Froebel” (ARANHA, 2006, p. 154). Contrário à tradição discursiva e ao raciocínio lógico e abstrato, o método buscava a educação pela sensibilidade, pelo qual se percebiam as cores, formas e sons. Sua ênfase estava no reconhecimento e valorização dos sentidos como portas para todo o conhecimento. Ao rejeitar a educação livresca, a criança deveria aprender a ler o mundo sensível, pela observação e percepção das relações entre os fenômenos. Esse método representou, juntamente com a formação dos professores, o núcleo central das reformas que serviram de base para a organização do ensino popular na Europa e nas Américas (SCHELBAUER,

2003).

Sob a Reforma de Caetano de Campo, guiada por uma “convicção científica”, a Escola Normal da Praça buscou, por meio da implantação do método intuitivo, formar o cidadão completo, de cultivo ao espírito, de elevação moral e de formação do caráter. Ao se propagar como lugar da implementação do método de ensino intuitivo, difundiu amplamente princípios da Pedagogia moderna, a “Arte de Ensinar”.

O relatório de Gabriel Prestes, diretor da instituição em 1896, partilhou a crença na eficácia dos processos de ensino intuitivo: “ensino do primeiro ano, todo intuitivo, quanto aos processos empregados, teve por objeto principal inspirar às crianças os hábitos de ordem e de trabalho, cultivando-se o poder da atenção de que eles são suscetíveis” (PRESTES, 1896, p. 131). O método serviu de fundamento para as práticas pedagógicas desenvolvidas no ensino primário, cuja concepção de ensino proposta tinha como princípio basilar a educação pelo sentido e o desenvolvimento das capacidades infantis através de uma prática que valorizava a curiosidade e a experiência da criança.

Em face dessa contingência, a Escola primária paulistana foi delimitando um espaço próprio, um modelo de ensino, dotando-se de uma identidade diferenciada no conjunto de outras instituições sociais. O estabelecimento configurou uma estrutura própria, emergindo do seio dessa instituição uma cultura escolar objetivada na organização dos seus currículos e programas, na distribuição e planejamento do tempo e do espaço, bem como na seleção dos conteúdos a serem ministrados, na preocupação da formação adequada de seu corpo docente e no seu equipamento material.

Com a implantação do método intuitivo que buscava incorporar, por meio das metodologias didáticas, a mentalidade do século XIX, passou-se a exigir para a sua efetivação um arsenal de materiais escolares e pedagógicos, entre os quais: compassos, contadores, coleção de abecedários, mapas, globos terrestres, quadros parietais de história, microscópios, pranchetas, máquinas de costura, gabinetes e museus escolares.

No estado de São Paulo, a divulgação do método foi feita a partir da publicação de impressos pedagógicos destinados ao professorado paulista, como a revista “A Eschola Pública” (1893), que divulgou o manual, “caixas de utensílios” fornecendo ao professor roteiros e modelos de lições, além de indicar “coisas para usar na sala de aula”

(CARVALHO, 2003). O fragmento abaixo, retirado da edição de 01 de julho de 1893, sinaliza orientações ao professor para uma lição sobre desenhos.

Exija-se que cada aluno, traga um lápis de pedra bem macio, e tome o professor, nos primeiros tempos, o encargo de guardalos e aparalos, até que algum monitor possa fazelo convenientemente. As pedras de aritmética, quando não forem riscadas, podem servir, tendo-se o cuidado de limpalas bem. Um quadro negro é indispensável para as illustrações necessárias à boa compreensão dos trabalhos. [...] Toda a classe está de braços cruzados, e em silêncio. O professor colloca num lado da mesa (pode ser no lado direito ou no esquerdo, conforme a disposição de sua mobília escolar) tantas pedras e tantos lápis quantos meninos assentarem-se a essa mesa. (TOLOSA, 1893, p. 2)

Conforme atesta o periódico, os objetos materiais ganham um papel relevante nas práticas de ensino, uma vez que um dos principais pressupostos do método intuitivo era a centralidade dos objetos na educação. Na proposição do método intuitivo, a observação e os objetos foram considerados elementos indispensáveis para a percepção das crianças, pois se o conhecimento era derivado dos sentidos, cabia à escola colocar as crianças em contato com objetos que favorecessem a apreensão do mundo sensível. A esse respeito, Carvalho (2003) sinalizou que a pedagogia da prática preconizada pelo método intuitivo concebia grande relevância aos objetos materiais, uma vez que:

A arte de ensinar, tal como a concebia essa pedagogia moderna, é, assim, pedagogia prática. Nessa pedagogia das faculdades da alma, ensinar é prática que se materializa em outras práticas; práticas nas quais a arte de aprender formaliza-se como exercício de competências bem determinadas e observáveis em usos escolarmente determinados. Como artes de saber-fazer-com, ensino e aprendizagem são práticas fortemente atreladas à materialidade dos objetos que lhes servem de suporte. (CARVALHO, 2003, p. 126)

Assim, o método intuitivo representou o alicerce e a fundamentação das práticas e rotinas da Escola Normal e do jardim de infância paulistano simbolizando um modelo de organização escolar pioneiro no Brasil. O jardim de infância que referenciava o *kindergarten*, criado por Froebel em *Bad Blankenburg*, na Alemanha, preconizou os princípios da educação dos sentidos, enfatizando uma educação integral, intelectual, moral e física. Para a concretização dessa concepção pedagógica, o jardim destacou-se

por sua minuciosa organização, adequada ordenação do tempo e espaços escolares, planificação de um projeto de ensino que visava atender às necessidades da época e por uma política diretamente relacionada com a formação dos seus professores.

Essas orientações foram largamente difundidas nos dois volumes da “Revista do Jardim de Infância”, publicadas em 1896 e 1897 e forneciam além dos elementos de caracterização do espaço físico, informações sobre o aparato material adquirido para a concretização desse projeto. Também, no programa do jardim de infância destinado às crianças do primeiro período, publicado pela “Revista de Ensino” em 1912, verificou-se a permanência de atividades relacionadas com: linguagem e conversações infantis; dons froebelianos com destaque para o primeiro dom em que se desenvolvia, por meio da bola, o confronto da forma e da cor dos objetos.

Conforme apontou Aird (2015, p. 95), para as crianças do ensino primário eram destinados os trabalhos manuais que consistiam em exercícios preliminares com o uso de agulhas e outros objetos ornamentais; desenhos feitos com “páosinhos” e “lentilhas” com aplicação de formas geométricas simples e objetos comuns, além de atividades de dobraduras, contagem com cubos e cilindros enfiados em cordões e separados em grupos de dois, três, quatro ou cinco, além de mosaicos quadriculados de papelão ou de madeira coloridos; trabalhos com cores, cantos, ginástica e brinquedos. Ainda, segundo a autora, pode ser localizada no livro de Registro de Brinquedos (1903) do Jardim de Infância, a descrição de cinquenta e seis materiais destinados às atividades lúdicas e a palavra brinquedo foi utilizada em diferentes contextos e sentidos; ora designava o artefato, o instrumento da brincadeira, representado por objetos como bonecas, castanholas, cavalos, pandeiros, camelos, tambores e cordões, ora representava a atividade lúdica e cenas de dramatizações.

Figura 3 – Crianças brincando de roda em área externa do Jardim e Infância 1908



Fonte: Álbum de Photographias da Escola Normal e Anexas de São Paulo 1908. Acervo da Escola Caetano de Campos, CRE Mario Covas/ CENP/SEE.

Como se pode observar (Figura 3), as crianças do Jardim de infância da Escola Caetano de Campos realizavam atividades livres em seus espaços externos. Naquele contexto, o brinquedo surgia como uma peça teatral acompanhada de cântico, música e brincadeira de roda. Na imagem retirada do álbum de fotografias da Escola Normal e Anexas (1908) do Arquivo do Estado de São Paulo, os brinquedos tratam não só de um modo de ser, mas de um modo de agir. O corpo como interlocutor é quem realizava os movimentos, todo o gestual necessário para a execução da representação cênica. Entretanto, a rotina das crianças não se fazia apenas por tais brincadeiras. Sobre esse fato, é elucidativo o depoimento de Jorge Americano, promotor público, que estudou na

Escola Caetano de Campos e apontou parte da materialidade que constituía as práticas da infância daquela instituição:

As meninas não eram fortes em invenção, quando faltava outra coisa, brincavam com bonecas. Quanto aos meninos, as coisas eram mais violentas e mais simples de contar. Brincava-se de esconder, de “acusado”, de “cacholeta”, de “saute-mouton”, de bola, de sela (montado uns aos outros), de jogo de bola à mão, de frontão na parede, de bolinhas de gude e de futebol. Ou com uma varinha corriam pelo passeio, tangendo rodas de madeira leve. Nos ventos de abril empinavam papagaios. Meninas e meninos andavam de velocípede e bicicleta, jogavam bola, peteca e mais tarde diabólô. (AMERICANO, 2004, p. 54)

Para as crianças do ensino primário eram reservadas aulas práticas e oficinas a partir do contato de diferentes objetos. Na imagem abaixo (Figura 4) identifica-se um amplo pavilhão em que crianças do sexo masculino museiam materiais voltados para o ensino de tornos e marcenaria, argila, gesso, atividades voltadas para a “boa disposição moral para o trabalho”, como afirmou o Sr. Diretor Gabriel Prestes no relatório da Escola Normal de 1896 ao Sr. Alfredo Pujol.

Figura – 4 Crianças do ensino primário em atividade manual 1908



Fonte: Álbum de Photographias da Escola Normal e Anexas de São Paulo 1908. Acervo da Escola Caetano de Campos, CRE Mario Covas/ CENP/SEE.

No jardim de infância, além de atividades manuais, desenhos, pintura e ginástica, o programa de ensino contava com aulas de música, o que requeria o manuseio de instrumentos musicais específicos. A imagem abaixo (Figura 5) apresenta um grupo de crianças reunidas para uma encenação musical. É possível identificar além da organização espacial, um conjunto de instrumentos musicais como: violas, violinos e trompetes, artefatos adquiridos para o ensino da música. Isso evidencia que a escola buscou implementar uma rotina para a promoção de experiências e apreciação da linguagem musical como repertório para o desenvolvimento infantil. De acordo com a revista do Jardim de Infância (1896):

Às onze horas reúnem-se no jardim em três grupos: primeiro, segundo e terceiro e marcham sob a direção de suas professoras para as salas competentes, onde fazem suas saudações e cantos. O primeiro período, como tem piano, executa o canto na própria sala. O segundo e terceiro reúnem-se no salão onde cantam juntos, visto não haver piano em suas respectivas salas, havendo neste um órgão destinado a esse fim. (REVISTA JARDIM DE INFÂNCIA, 1896, p. 12)

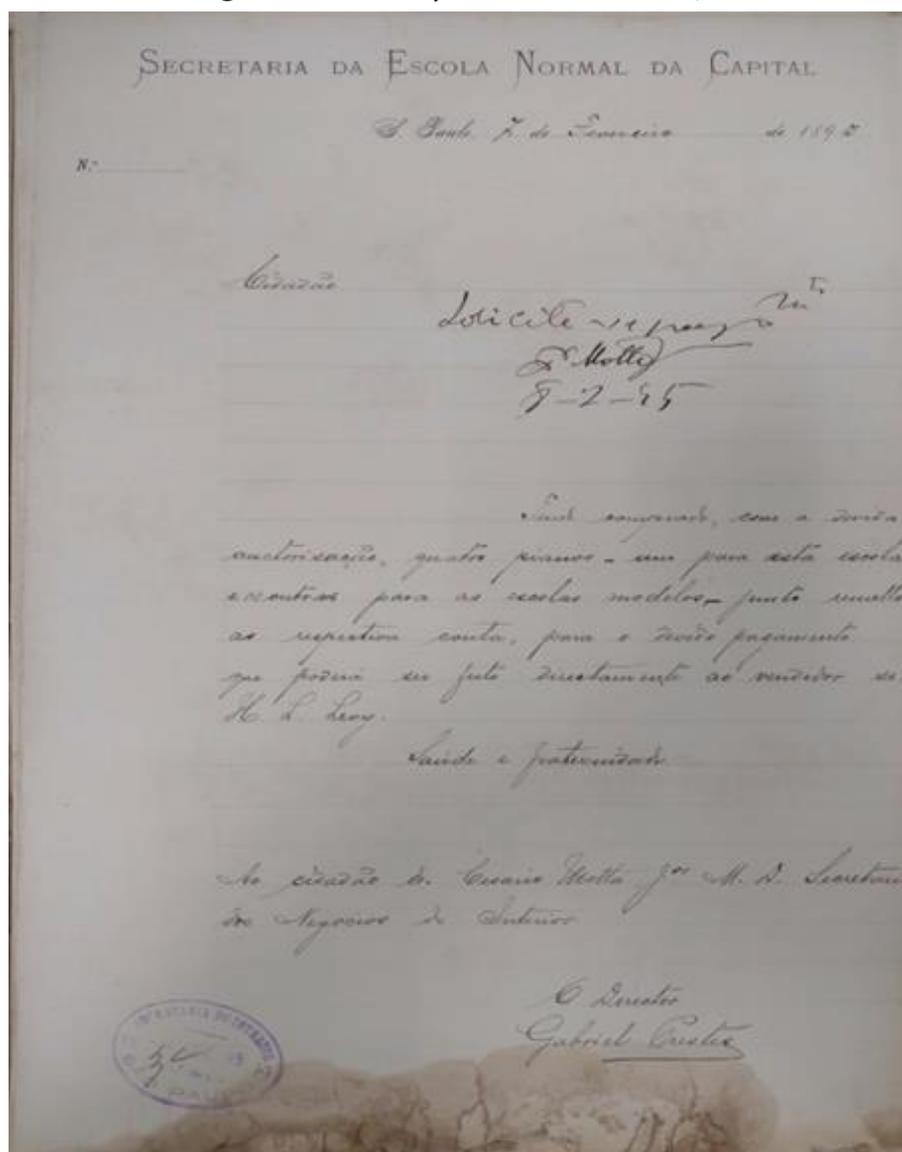
Figura 5 – Crianças do Jardim de Infância em atividade de música – 1908



Fonte: Álbum de Photographias da Escola Normal e Anexas de São Paulo 1908. Acervo da Escola Caetano de Campos, CRE Mario Covas/ CENP/SEE.

O documento que segue (Figura 6), datado de 1895, encontrado no APESP – (Arquivo Público do Estado de São Paulo), trata-se de um pedido feito pelo então diretor Gabriel Prestes ao secretário do interior requisitando o pagamento de instrumentos musicais. Nele, Prestes informa a compra de quatro pianos, sendo um para a Escola Normal e três para as demais Escolas Modelos e solicita, ainda, o pagamento dos materiais à Empresa Casa Levy, conforme atesta a nota fiscal de compra (Figura 7).

Figura 6 –Solicitação de material – 1895



Fonte: APESP – Arquivo do Estado de São Paulo<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> Transcrição da imagem: Secretaria da Escola Normal da Capital. São Paulo, 07 de fevereiro de 1895. “Tendo comprovado, com a devida autorização, quatro pianos, um para esta escola e os outros para as escolas modelos, junto remeto as respectivas contas para o devido pagamento, que poderá ser feito diretamente ao vendedor: ex. H. Levy. Saúde e fraternidade. Ao cidadão Dr. Cesário Motta, Exmo. Secretário dos Negócios do Interior. O Diretor Gabriel Prestes”. Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP).

Figura 7 – Nota fiscal Casa Levy 1895

**CASA LEVY**  
ESTABELECIMENTO MUSICAL DA ESCOLA NORMAL  
33, Rua 15 de Novembro  
São Paulo

153

1. Paulo, 31 de Maio de 1895.  
Marcos, 13

PIANOS <b>BECHSTEIN</b> DEPOSITO EXCLUSIVO NA CASA LEVY	PIANOS <b>BOISSELOT</b> MODELOS ESPECIAES DA CASA LEVY	2 "Viola", marcha	24
PIANOS <b>EXCELSIOR</b> FABRICACAO EXCLUSIVA DA CASA LEVY	PIANOS <b>PLEYEL</b> DEPOSITO OFFICIAL NA CASA LEVY	5 cadernos de papel	24,500
PIANOS <b>SPRUNCK</b> UNICO DEPOSITO NA CASA LEVY		1 "Danza d'amore"	34
		1 "Jaktine"	24
		1 "Hymno Nacional"	14
		1 " " da Proclamação"	14,500
		1 "Ch. Triumphant"	24,500
		1 "Marselhesa"	14,500
		1 "Luz Graciosa"	34
		<b>Total</b>	<b>19,800</b>
		25 1 "Nedja" 2 pianos	44
		1 "Mennet Thorne"	34
		1 "Nidas Serénade"	44
		31 1 "Luz Graciosa"	34

R. 31/000

Fonte: APESP – Arquivo Público do Estado de São Paulo<sup>4</sup>.

Uma análise das três imagens anteriores (Figuras 5, 6 e 7) denuncia que para além do ensino de música, os utensílios adquiridos também serviram para a concretização de práticas escolares de natureza cívico-patrióticas. Esses utensílios configuraram a concretização de um projeto maior de construção da nacionalidade brasileira, objetivando, por meio da escola, a formação do sentimento de pertencimento à nação. Nesse sentido, podemos examinar o papel que a Escola Caetano de Campos e seu Jardim de Infância desempenharam enquanto espaços socioculturais em relação à perpetuação de modelos culturais e de preservação de determinadas práticas. Tais práticas são

<sup>4</sup> Trata-se de nota fiscal do Estabelecimento Casa Levy, sito à Rua 15 de novembro n° 33, que atesta a compra de materiais para o ensino de música pela Escola Normal em 31 de maio de 1895: Os instrumentos adquiridos foram: 2 “Viola” [sic] marcha; 5 “Cadernos de papel”; 1 “Danza d'amore”; 1 [ileg.]; 1 “Hymno Nacional”; 1 “Hymno da Proclamação”; 1 “Ch. Triumphant”; 1 “Marselhesa”; 1 [ileg.]; total; mais; 25 “Nedja” [sic] 2 pianos; “Mennet Thorne”; “Nidas Serénade”; 31 “Luz Graciosa”.

evidenciadas tanto pelos artefatos adquiridos, como pelos ritos e rituais que valorizavam a ordem, o silêncio, as saudações, o militarismo (marchar), práticas que, alicerçadas pelo respeito e reverência ao nosso país e, carregadas de caráter simbólico de exaltação à nossa identidade, contribuíram para consolidar um projeto e a construção da nacionalidade brasileira, impondo na escola primária um determinado modelo cultural.

Conforme preconizava o método intuitivo, o ensino deveria favorecer a curiosidade e a experiência infantil, por isso era preciso fornecer às crianças instrumentos e objetos para sua exploração. Por isso, o programa do Jardim de Infância ao valorizar o desenvolvimento sensório-motor, referenciava os postulados de Froebel e seus dons como ocupação. Esses dons se materializavam em objetos com cores, formas e pesos diferentes cujos objetivos variavam desde o estímulo à observação, movimento, interconexão entre as formas até a internalização de conceitos matemáticos. A revista “Jardim de Infância”, de 1896, indicava:

[...] são ao todo vinte dons segundo a definição geral de Froebel. Entretanto, só os seis primeiros são geralmente designados pela denominação de dons. Preferimos, porém, seguir a classificação e a nomenclatura do creador do systema. (O JARDIM , 1896, p. 72)

Adiante, descrevia os dons da seguinte forma:

1- Seis bolas de borracha, cobertas com tecidos de retróz ou de lã de várias cores; 2- Esfera, cubo e cilindro de madeira; 3- Cubo dividido em oito cubozinhos; 4- Cubo dividido em oito partes oblongas; 5- Cubo, divisível em metade e quartas partes; 6- Cubo, consistindo em partes oblongas, duplamente divididas. (Os dons nrs). (3, 4, 5 e 6, servem para construções). 7- Tabuinhas quadradas triangulares para compor figuras; 8- Varinhas para traçar figuras; 9- Anneis e meio anneis para compor figuras; 10- Material de desenho; 11- Material para picagem; 12- Material para alinhavo; 13- Material para recorte de papel e combinações; 14- Material para tecelagem em papel; 15- Varetas para entrelaçamento; 16- Réguas com dobradiças – gonigrapho; 17- Fitas para enlaçamento; 18- Material para dobradura; 19- Material para construções com ervilhas; 20- Material para modelagem. (O JARDIM, 1896, p. 73)

Os dons de Froebel configuraram grande parte das atividades realizadas com as crianças do Jardim de Infância e valorizaram a prática dos sentidos, a curiosidade infantil e a sua capacidade de estabelecer relações com o objeto. A imagem abaixo (Figura 8)

representa parte do material importado dos Estados Unidos e que fora encontrado no acervo da Escola Caetano de Campos.

Figura 8 – Dons de Froebel – Jardim de Infância da Escola Caetano de Campos (1908)



Fonte: Acervo da Escola Caetano de Campos, CRE Mario Covas/ CENP/SEE.

De acordo com os livros de inventários da instituição, datados de 1896 e assinados por Gabriel Prestes, além dos objetos que compunham os dons e ocupações de Froebel, o Jardim contava com um acervo de materiais como itens de papelaria, mapas, brinquedos, objetos de uso pessoal e utensílios do prédio escolar. A instituição mantinha um arsenal de recursos materiais entre os quais: maços de papel cartão branco, maços de papel cartão colorido, papéis finos para tecelagem, papéis de agulha, papel para desenho de lápis, papel para dobradura, vidros de goma arábica, giz de cor, lápis de pedra e de papel, lápis de cor, lápis com borracha, pincéis, envelopes, furadores, caixas de giz branco e colorido, entre outros materiais utilizados na condução do ensino pelo método intuitivo para “a educação dos sentidos, e para a educação pelas coisas e pela experiência” (VALDEMARIN, 2004, p. 171).

### Os “museus escolares” da Escola Caetano de Campos: um laboratório científico

A implantação do método intuitivo em São Paulo favoreceu a expansão de uma prática pedagógica baseada no ensino concreto, pelo aspecto ou pelo objeto. Em vista disso, na proposição do método intuitivo, a observação e os objetos físicos foram instrumentos indispensáveis para auxiliar na passagem das percepções às ideias. A partir do pressuposto que o conhecimento do mundo material era derivado dos sentidos, o

método intuitivo exigiu a reunião do maior número possível de artefatos. A fim de garantir essa inovadora prática de ensino, caberia à escola explorar a forma, as propriedades, as características e a utilidade dos objetos “desenvolvendo nas crianças a capacidade de lidar com a modernidade” (SOUZA, 2013, p. 106).

Nesse âmbito, a Escola Caetano de Campos equipou-se com uma gama de objetos e materiais didáticos configurando a organização dos museus escolares. Segundo Petry (2013), os museus escolares não possuíam uma definição única, por isso eram caracterizados como polissêmicos. A pesquisadora identificou seis significados para o termo:

- 1) Museu escolar: Alojado dentro das instituições educativas, deveria servir a professor e alunos para a realização de estudos pautados no concreto, isto é, agregar um conjunto de objetos para tornar a aprendizagem intuitiva. (PETRY, 2013, p. 32)
- 2) Museu Escolar Brasileiro: Museu Escolar Brasileiro corresponde a uma coleção de quadros parietais produzidos na França, traduzidos, adaptados e trazidos para o Brasil. (PETRY, 2013, p. 33)
- 3) Móvel: Móvel em madeira com portas parcialmente envidraçadas que guarda as coleções de objetos para as lições de coisas. (PETRY, 2013, p. 35)
- 4) Museu dentro da sala de aula: vincula-se especialmente aos móveis acima descritos, pois, em geral, este museu seria composto de armário, estante ou outro móvel que servisse como armazenador de objetos. (PETRY, 2013, p. 37)
- 5) Gabinete: o museu não só dava nome às coleções de quadros, objetos diversos e móveis, como poderia ocupar um espaço físico nas escolas, um pequeno gabinete onde seriam guardadas as coleções. (PETRY, 2013, p. 38)

Seguindo as definições de Petry (2013), na concretização do método de ensino intuitivo, bem como na disseminação do ideal de educação moderna, a Escola Caetano de Campos equipou-se com gabinetes e museus. Em relatório de 1893, Gabriel Prestes, descreve os materiais e objetos que compunham o gabinete de Física e o laboratório de Química da instituição.

Para tornar possível a execução do programma das diferentes disciplinas, a Escola Normal dispõe actualmente: de um Gabinete de Physica, de um Laboratório de Chimica, de um pequeno Museu de História Natural, de uma Biblioteca para uso dos professores e dos alummnos e de Mapas e outros instrumentos de ensino. (PRESTES, 1896, p. 4)

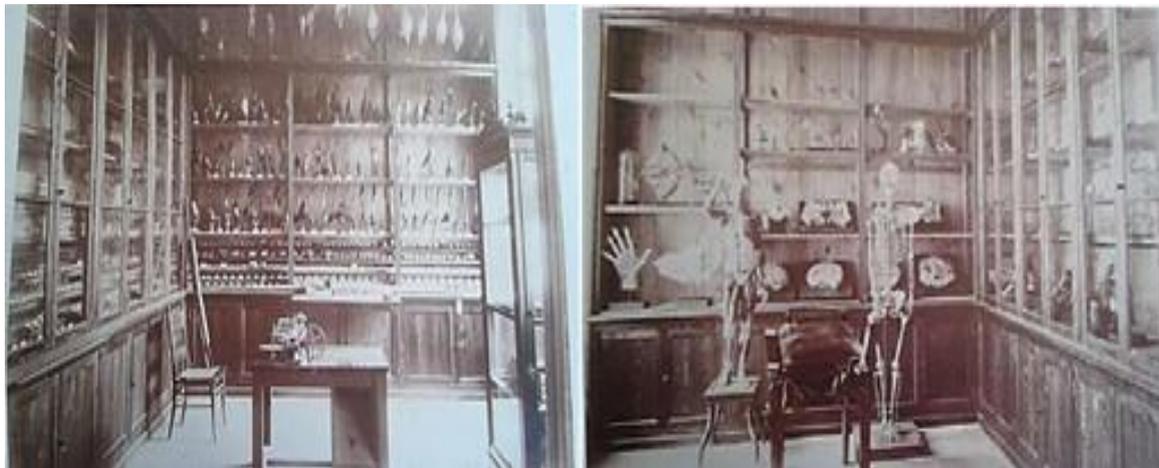
De acordo com o relatório, o laboratório de química era composto por 202

espécies de substâncias para as experiências do curso, entre elas: sete “metaloides”, 11 “metaes” além de compostos de flúor, cloro, iodo, manganês, carbono entre outros. Para efetuar as experiências, a escola continha 124 aparelhos e utensílios, sendo assim discriminados:

1 alambique de cobre e seus pertences, 1 aspirador, 1 aparelho para produção de Oxygeneo, 5 Bicos de Bunsen, 50 balões de diversos tamanhos, 32 capsulas de tamanhos diversos, 4 cubas, 13 cadinhos de grez, 2 fogareiros de ferro para gaz, 5 fornos de reverbero, 1 gazometro, 1 gazogeneo de Biet, 1 grelha para analyses chimicas, 1 mesa de esmaltador, 1 maçarico de gaz, articulado, 88 provetes para os diversos fins, 1 retorta de chumbo, 54 retortas diversas, 9 supportes de madeira, 73 tubos de diferentes formas, 1 fuzil de gaz Hydrogeneo. (PRESTES, 1896, p. 5)

Soma-se uma lista de 254 aparelhos do laboratório de Física distribuídos para o ensino das disciplinas de “Barologia, Hydrostatica e Hydrodynamica, Pneumostatica, Acustica, Thermologia, Optica e Electrologia”. As Figuras 9 e 10 representam o museu de História e Anatomia da Escola Caetano de Campos.

Figuras 9 e 10 – Museu de História Natural e Anatomia da Escola Normal 1895

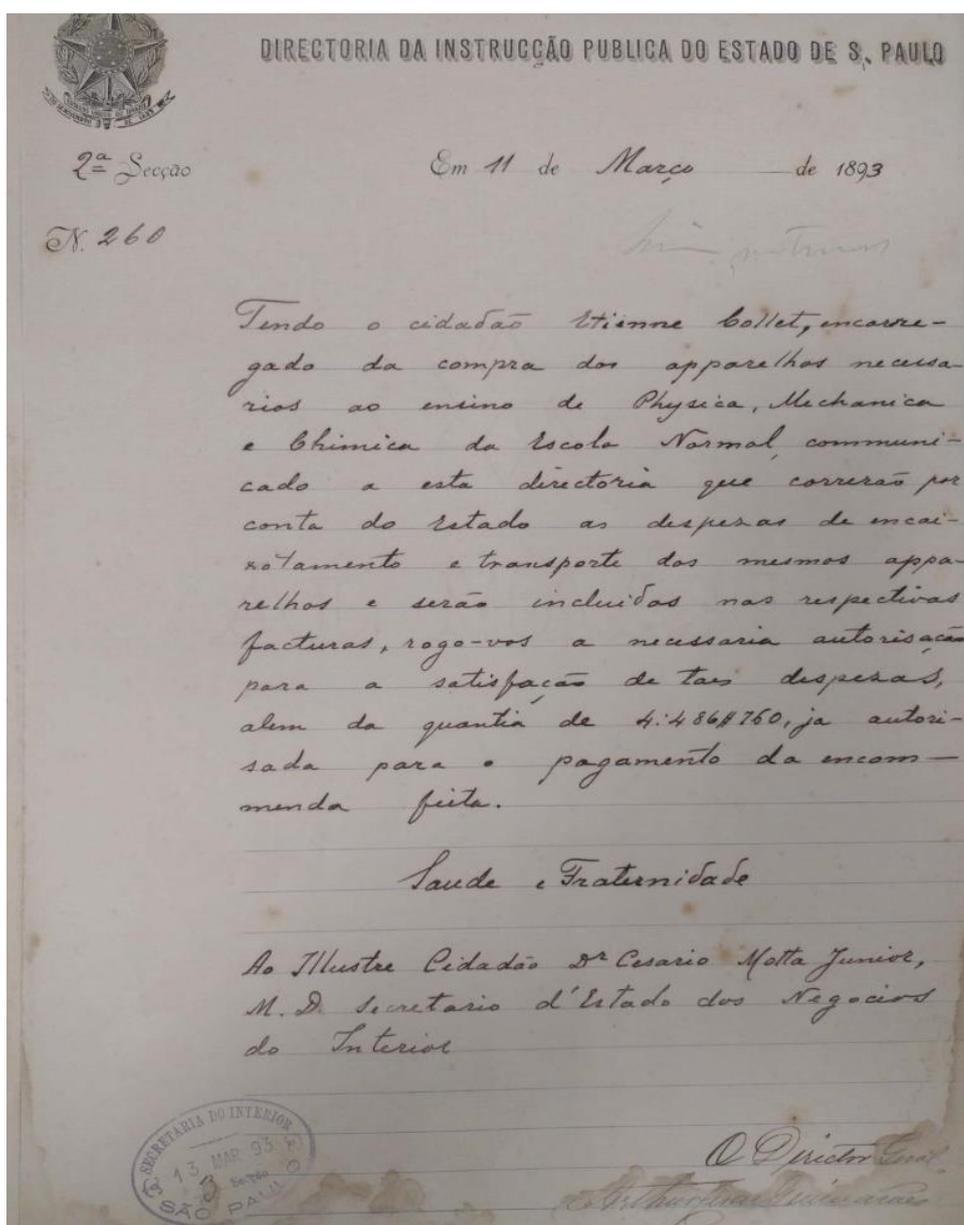


Fonte: Acervo da Escola Caetano de Campos, CRE Mario Covas/ CENP/SEE.

Nas imagens é possível observar que se trata de um espaço delimitado nas dependências do estabelecimento que possibilitava aos mestres o contato e manuseio com seus objetos. Os artefatos parecem alocados em armários do tipo vitrine, o que permitia tanto a observação dos alunos dentro do próprio museu como a retirada desses

objetos e sua observação em sala de aula. A imagem comprova a presença de utensílios anatômicos, órgãos humanos como mãos, olhos, ouvido, esqueletos de animais, partes do cérebro humano e outros animais taxidermizados. Esses objetos foram, em grande parte, importados de empresas nos Estados Unidos e na França, sendo a empresa de maior incidência na Escola Caetano de Campos, a francesa Maison Emile Deyrolle. A figura 11 apresenta a solicitação de Gabriel Prestes ao secretário do interior, Dr. Cesário Mota Júnior, para a compra de objetos para o ensino de Física, Química e Mecânica.

Figura 11 – Solicitação de Material – Escola Normal 1894



Fonte: APESP – Arquivo Público do Estado de São Paulo<sup>5</sup>.

<sup>5</sup> Transcrição: Diretoria da Instrução Pública do Estado de São Paulo. 11 de março de 1896, 2ª seção, nº 260.

De acordo com Silva (2015), a partir de 1871, a empresa da Maison Emile Deyrolle transformou-se essencialmente em uma empresa fornecedora de materiais didáticos e, além de objetos para o ensino de História Natural, passou a fornecer às escolas paulistas materiais como:

quadro parietais e modelos anatômicos de variados tipos (partes do corpo humano, espécies vegetais, animais, etc.) para o ensino das disciplinas de lições de coisas no ensino primário e História Natural e suas subdivisões: botânica, zoologia, mineralogia. Também revendia objetos para o ensino de Física e Química. (SILVA, 2015, p. 58)

O catálogo da Deyrolle oferecia objetos individuais e coleções completas de modelo anatômico compostas por peças do aparelho de audição, olfato, visão, sistema digestivo, intestino e pele. Segundo Silva (2015), a empresa fornecia também objetos para o ensino de anatomia comparada. Tratava-se de aves, répteis, peixes, besouros, abelhas entre outros. Além dos objetos avulsos, fornecia gabinetes temáticos denominados armários vitrines. Esses armários eram voltados para a guarda de materiais destinados ao ensino de Física, Química e História Natural. O gabinete para o ensino da disciplina de História Natural (Figura 12), por exemplo, era classificado como gabinete elementar sendo composto por um conjunto de animais vertebrados e invertebrados, amostras de minerais, herbários, fósseis e tipos de terras.

---

Tendo o cidadão “vitrine collet”, encarregado da compra dos aparelhos necessários ao ensino de Physica, Mechanica e Chimica da Escola Normal comunicado a esta directoria que correrão por conta do Estado as despesas de encaixotamento e transporte dos mesmos aparelhos e serão incluídos nas respectivas faturas, rogo-vos a necessária autorização para a satisfação de tais despesas além da quantia de 4: 486760, já autorisada para o pagamento da encomenda feita. Saúde e fraternidade. Ao ilustre cidadão Dr. Cesário Motta, Exmo. Secretário dos Negócios do Interior. O Diretor Gabriel Prestes”. Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP).

Figura – 12 Gabinete de História Natural

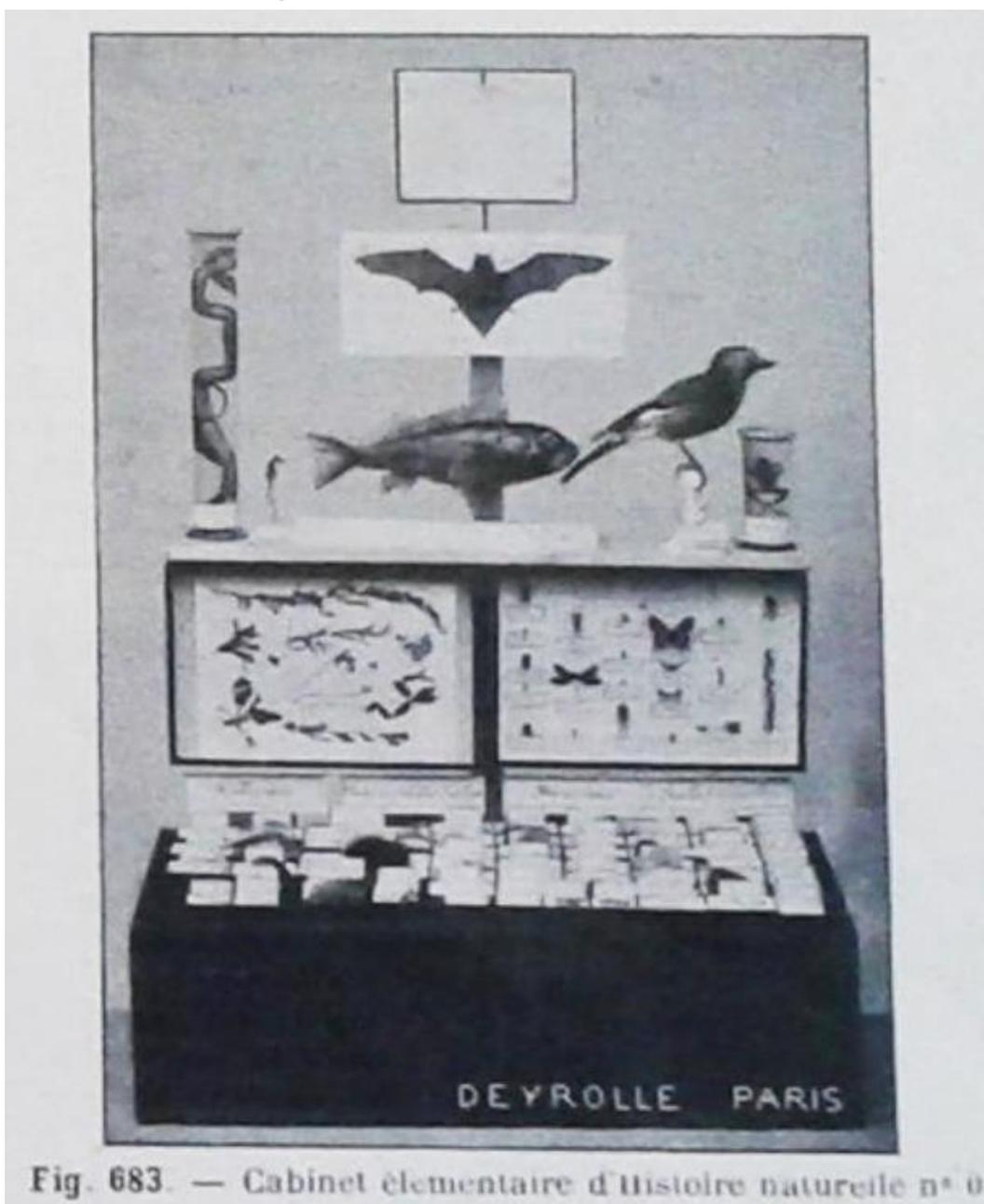


Fig. 683. — Cabinet élémentaire d'histoire naturelle n° 0.

Fonte: Catálogo D'Émile Deyrolle Acervo da Escola Caetano de Campos, CRE Mario Covas/CENP/SEE.

O pedido realizado por Prestes (1894) e a presença de catálogos da Deyrolle no acervo da Escola Caetano de Campos é um indício para o consumo de objetos que foram destinados ao ensino das disciplinas de Mineralogia, Física, Química, Paleontologia, Pré-História e História Natural.

## Os materiais de alfabetização e os livros de leitura da Escola Normal de São Paulo

Além dos utensílios que compunham os gabinetes e os museus escolares para o ensino de ciências naturais, os republicanos paulistas, consoantes ao ideário de modernização do ensino com base no modelo de países ditos mais adiantados, importaram do exterior diversos materiais para o ensino da alfabetização, desde bancos e carteiras a objetos como as cartas de Parker para o ensino de aritmética, modelos de Prang, mapas geográficos, quadros parietais, cadernos de caligrafia, livros, entre outros artefatos que configuraram a cultura material para o ensino da leitura, escrita e cálculo na escola paulista (SOUZA, 1998).

A ampliação dessa composição material visava atender a um programa de ensino abrangente e diversificado que, de acordo com Souza (2013), correspondeu à reforma da Instrução Pública promulgada no final do Império (Lei nº 81, de 6 de abril de 1887) que estabeleceu um programa de ensino amplo compreendendo o ensino de educação cívica, leitura e princípios de gramática, escrita e caligrafia, noções de geografia geral, geografia do Brasil, especialmente a do estado de São Paulo, noções de aritmética, números inteiros, frações, sistema métrico decimal, ciências, física, química, higiene, canto, música, ginástica e desenho.

Com a reforma republicana de 1892 manteve-se esse rol de conteúdos e foram acrescentados o ensino de moral prática, cosmografia, história do Brasil e exercícios manuais e militares. O ensino de todas essas matérias demandava a aquisição de uma grande quantidade de materiais e, em consequência, alinhada à expansão da rede de ensino primária, ocorreu nas últimas décadas do século XIX, uma intensificação da produção de livros de leitura, livros didáticos, mapas, cadernos e materiais de ensino para o uso dos professores.

Organizados pela Inspeção Geral do Ensino, os Anuários do Ensino do Estado de São Paulo, em edição publicada em (1907-1908), apresentavam a relação dos principais livros didáticos e cartilhas adotados nas escolas paulistas. Para o primeiro ano do ensino primário eram indicadas as obras de D. Maria Guilhermina e seu “Primeiro livro de leitura”; as “Cartilhas das mães” de Arnaldo Barreto; “Cartilha Moderna” de Ramon Dorca; “Cartilha maternal” de João de Deus e a “Cartilha da infância” de Tomaz Galhardo. Esta

última ocupou um lugar de destaque na alfabetização da infância brasileira, por ter sido adotada no governo paulista e por outros estados do Brasil (SANTOS, 2015).

Para os anos subsequentes do ensino primário, o programa da Escola Caetano de Campos indicava os livros didáticos de Puiggari-Barreto, Francisco Viana e João Köpke. Uma das séries graduadas mais populares no ensino público em São Paulo foi a de João Köpke que, de acordo com Panizzolo (2011, p. 2), foi um dos mais significativos educadores de sua geração e pôs em circulação na imprensa e nas escolas por onde passou “uma pedagogia moderna e republicana, definida por um currículo atualizado; ensino prático, concreto e científico; metodologia intuitiva através de lições de coisas [...] e pelo ensino público analítico da leitura”.

Foi localizado no acervo da Escola Caetano de Campos um conjunto de livros que compunham o “Curso sistemático de Língua Materna”, composta por seis livros: “O Primeiro, o Segundo e o Terceiro livros de leitura morais e instrutivas de João Köpke”, eram constituídos por textos moralizantes e historietas sobre a vida das crianças e tinham o propósito de instruir e educar. “O Quarto e o Quinto livros de leituras” representavam o modelo cultural das leituras literárias produzindo ideias sobre o amor à leitura, à língua nacional e à Pátria. “O sexto livro, Leituras Práticas”, tinha forte caráter enciclopédico e privilegiava as Ciências Naturais e Sociais (PANIZZOLO, 2011).

Figura 13 – Livros de Leitura de João Köpke



Fonte: Acervo da Escola Caetano de Campos, CRE Mario Covas/ CENP/SEE.

## Conclusões

A aquisição de instrumentos, objetos e materiais didáticos pela Escola Caetano de Campos, nos anos iniciais da República, permite considerar que para além de simples recursos materiais, tais objetos funcionaram como instrumentos para a internalização de preceitos e normas e para a produção de sentidos e valores que delimitavam rituais e ritos específicos do universo escolar.

Esses elementos, analisados sob condicionantes econômicos, políticos, sociais e culturais emergentes nas décadas iniciais da Proclamação da República, configuraram portadores de mensagens de modernidade e modernização e a base material de um projeto de escolarização da infância paulistana.

Por consequência, a materialidade passou a ser considerada elemento fundamental na aquisição do conhecimento e os objetos serviram para a concretização de um ideal de educação alicerçado no uso do método intuitivo que se configurou como principal guia na condução do ensino. Na adoção do método intuitivo como meio para o ensino, valorizou-se a observação da criança, sua curiosidade, a descoberta pela experiência e o contato com o mundo físico, o que reclamou a necessidade do uso de objetos considerados indispensáveis para o processo de abstração e percepção infantil.

Ao considerar como fonte histórica a cultura material presente na Escola Caetano de Campos e em seu Jardim da Infância, levantam-se um conjunto de possibilidades analíticas que nos revelam que o provimento material dessas intuições obteve amplo significado, pois seu uso esteve relacionado a um projeto maior de civilização e por isso da emergência, valorização e construção de uma concepção de modernidade construída ao longo dos anos iniciais da República. Conclui-se que a cultura material da Escola Normal quando analisada para além da pura descrição dos objetos e de sua função utilitária, revelam as relações sociais, significações, representações e apropriações que estavam por trás do consumo desses bens materiais legitimando uma modernidade da época.

## Referências

AIRD, Maitê Custódio Rios. **O Jardim da Infância Público anexo à Escola Normal da Praça: um estudo sobre o gênero (1896-1926)**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/10468>. Acesso em: 09. jun. 2021.

AMERICANO, Jorge. **São Paulo naquele tempo: 1895-1915**. São Paulo: Melhoramentos, 2004.

ANUARIO DO ENSINO DO ESTADO DE SÃO PAULO (1907-1908). Publicação organizada pela Inspectoria Geral do Ensino por ordem do Governo do Estado, São Paulo: Augusto Siqueira & C., [1908].

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação**. São Paulo: Moderna, 2006.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **A Escola e a república e outros ensaios**. Bragança Paulista: USF, 2003.

CASTRO, César Augusto (org.). **Cultura material escolar: a escola e seus artefatos (MA, SP, PR, SC e RS, 1870-1925)**. 2. ed. São Luís: EDUFMA: Café & Lápis, 2013.

ESCOLANO BENITO, Augustín. Patrimonio material de La escuela e história cultural. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 13, 28, jul./dez., 2010. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/2125>. Acesso em 09.jun. 2021.

ESCOLANO BENITO, Augustín. **A escola como cultura: experiência, memória e arqueologia**. Campinas: Alínea, 2017.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 1, p. 9-44, 2001. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38749>. Acesso em 09. jun.2021.

KUHLMANN JÚNIOR, Moisés. O Jardim de Infância Caetano de Campos. In: REIS, Maria Cândida Delgado. **Caetano de Campos: fragmentos da história da instrução pública em São Paulo**. São Paulo, 1994. p. 61-72.

MONARCHA, Carlos. **Escola Normal da praça: o lado noturno das luzes**. Campinas: UNICAMP, 1999.

NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na Primeira República**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

O JARDIM, de infância. *Revista do jardim da infância*. V I. São Paulo: Espínola, Siqueira & Comp., 1896. p. 72-73. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/131071>. Acesso em 09. jun. 2021.

PANIZZOLO, Cláudia. A propagação dos modernos preceitos pedagógicos: materiais, métodos e práticas nas escolas paulistas em fins do século XIX. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 7, 2013, Cuiabá. **Anais [...]**. Cuiabá: Sociedade Brasileira de História da Educação, 2013, p. 1-15.

PANIZZOLO, Cláudia. Civilizar, educar e instruir: a infância impressa nos livros de leitura. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26, 2011, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: [s. n.], jul. 2011.

PETRY, Marília Gabriela. **Dá recolha a exposição: a constituição de museus escolares em escolas públicas primárias de Santa Catarina (Brasil 1911- 1952)**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

PRESTES, Gabriel. **Relatório da Escola Normal apresentado ao Sr. Dr. Alfredo Pujol M.D.** São Paulo: Typografia do Diário Oficial, 1896.

PRESTES, Gabriel. **Relatório da Escola Normal apresentado ao Sr. Dr. Cesário Motta Júnior.** São Paulo: Typografia do Diário Oficial, 1894.

SÃO PAULO (Estado). Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. **Lei nº 81 de 6 de abril de 1887**. São Paulo, SP: Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, 1887. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1887/lei-81-06.04.1887.html>. Acesso em 09. jun. 2021.

SÃO PAULO (Estado). Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. **Lei nº 88 de 8 de setembro de 1892**. São Paulo, SP: Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, 1892. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1892/lei-88-08.09.1892.html>. Acesso em 09 jun. 2021.

SÃO PAULO (Estado). Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. **Decreto nº 397, de 9 de outubro de 1896**. São Paulo, SP: Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, 1896. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1896/decreto-397-09.10.1896.html>. Acesso em 09 jun. 2021.

SANTOS, Luana Grazielle dos. Cartilha da infância, de Thomaz Galhardo (1855-1904). *In*: MORTATTI, Maria do Rosátio Longo et al. (org.). **Sujeitos da história do ensino de leitura e escrita no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 2015. p. 23-33.

SAVIANI, Dermeval. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação** [online], Rio de Janeiro, v. 14, n. 40, p. 143-155, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v14n40/v14n40a12.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2021.

SILVA, Camila Marchi da. **Museus escolares no Estado de São Paulo (1879-1942)**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

SOUZA, Rosa Fátima de. História da Cultura Material escolar: um balanço inicial. In: BENCOSTTA, Marcus. Levy. (org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez: 2007. p. 163-189.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização**: a implantação da Escola Primária graduada no estado de São Paulo (1890-1910). São Paulo: Editora UNESP, 1998.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Alicerces da Pátria**: história da Escola Primária no Estado de São Paulo (1890-1976). Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009.

SOUZA, Rosa Fátima de. Objetos de ensino: a renovação pedagógica e material da escola primária no Brasil, no século XX. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 49, p. 103-120, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n49/a07n49.pdf>. Acesso em 10 jun. 2021.

SCHELBAUER, Analete Regina. **A Constituição do Método de Ensino Intuitivo na Província de São Paulo (1870 – 1889)**. 2003. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

TANURI, Leonor Maria. **O ensino normal no Estado de São Paulo: 1890-1930**. São Paulo: USP, 1979.

TOLOSA, Benedito Maria. Primeiras Lições de Desenho. **Revista a Eschola Pública**. São Paulo: [s. n.], 1893. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/133603>. Acesso em 09. jun.2021.

VALDEMARIN, Vera Teresa. **Estudando as lições de coisas**: análise dos fundamentos filosóficos do método de ensino intuitivo. Campinas: Autores Associados, 2004.

Recebido em: 12/08/2021  
Revisões requeridas em: 09/08/2022  
Aprovado em: 11/09/2022

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC  
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE  
Revista Linhas  
Volume 24 - Número 54 - Ano 2023  
[revistalinhas@gmail.com](mailto:revistalinhas@gmail.com)